

# A COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MUSEU BI MOREIRA DA UFLA: no limiar da preservação e da comunicação

Patricia Muniz Mendes\*

Rodrigo Adolfo Escobar Rojas\*

Leandro Elias Canaan Mageste\*

## Resumo

O Museu Bi Moreira (MBM) tutelado pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), foi criado em 1983, e salvaguarda um acervo diversificado, composto por cerca de 5.000 itens, que se relacionam com a história, a memória e o ensino superior da região do Sul de Minas Gerais. No ano de 2000, o MBM conferiu endosso institucional para trabalho de arqueologia desenvolvido no âmbito do licenciamento ambiental, se tornando o responsável pelo material coletado no “Programa de Resgate Sítios Arqueológicos Monte Alegre e Cacho de Ouro” (município de Ribeirão Vermelho - MG). No entanto, esses vestígios só vieram a se tornar foco de interesse a partir do ano de 2014, ocasião em que começaram a ser problematizados pelo viés da museologia e da conservação. Por meio dessa perspectiva, um desafio passou a confrontar os pesquisadores: como preservar e comunicar essa coleção arqueológica, tendo em vista a sua inserção em um espaço museológico que se caracteriza por seu acervo diversificado. Nessa conjuntura, o objetivo do presente trabalho é apresentar reflexões sobre as potencialidades da museologia para a preservação da coleção arqueológica do MBM. Para todos os efeitos, parte-se da premissa que o estudo sobre a circulação dos vestígios arqueológicos e a inserção dos mesmos em museus fomenta as relações dialógicas entre a museologia e arqueologia, e ao mesmo tempo contribui para as discussões sobre as teorias e práticas da conservação.

Palavras-chave: Patrimônio Arqueológico; Museus Universitários; Musealização.

---

\* Universidade Federal de Lavras (UFLA), Campus Universitário, Lavras, MG, Brasil. CEP: 37200000; patricia.mendes@proec.ufla.br. Museóloga, UFLA.

\* Universidad SEK (USEK), Av. Catedral 1712, Santiago, Chile; rodrigo.rojas.es@gmail.com. Arqueólogo.

\* Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus São Raimundo Nonato, São Raimundo Nonato, Brasil; leandromageste@gmail.com. Professor Assistente A, Nível 1 do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial

## Introdução

O Museu Bi Moreira (MBM) foi inaugurado em 1983, na antiga Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), atual Universidade Federal de Lavras (UFLA). A origem desse espaço museal encontra-se atrelada ao colecionador e morador de Lavras (MG), Silvio do Amaral Moreira, conhecido como Bi Moreira, que durante mais de 40 anos coletou por iniciativa própria, diferentes objetos e documentos das mais variadas procedências, constituindo um acervo numeroso e variado.

Esse acervo foi incorporado a ESAL no início da década de 1980 e passou a ocupar o prédio Álvaro Botelho<sup>1</sup>, que se encontrava vazio desde a transferência da Escola para o novo Campus. Atualmente o MBM salvaguarda cerca de 5000 documentos tridimensionais e bidimensionais, associados em grande parte a história e cultura local. Destacam-se coleções de ciência e tecnologia (C&T), imagem e som, ciências médicas, utensílios doméstico, etnográficas; e claro, arqueológica, foco do presente trabalho. Vale ressaltar que a importância do acervo museológico do MBM é consonante com a relevância da edificação que o salvaguarda, haja vista que o prédio do Museu, por meio do decreto municipal nº 6.671/ 2006 foi tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Lavras (CMPC), integrando assim, o conjunto de bens imóveis significativos para a preservação da memória e da história do município.

A UFLA vem intensificando as discussões sobre as potencialidades do Museu Bi Moreira, com objetivo de requalificar este espaço por meio de concepções museológicas contemporâneas e condizentes com as possibilidades de um acervo tão diversificado. Nessa conjuntura, foi observada a necessidade da elaboração de plano museográfico para as salas de exposições, valorizando a importância do acervo para o ensino, pesquisa e extensão, e igualmente possibilitar que as pessoas da cidade e região compartilhem histórias e memórias de suas origens. Ressalta-se que a história de Lavras está fortemente ligada à história da universidade e é possível verificar um vínculo afetivo bastante cultivado entre a comunidade e o MBM.

Para os fins deste trabalho, será apresentada uma discussão em torno da coleção arqueológica oriunda da coleta realizada pelo Programa de Resgate - Sítios Arqueológicos Monte Alegre e Cacho de Ouro (Ribeirão Vermelho-MG). Esta coleção foi integrada pelo MBM em 2003, a partir de um trabalho arqueológico que consistiu em salvaguardar esse material. Em 2014 iniciou-se um processo de ressignificação dessa coleção arqueológica, que se encontrava incompreendida e isolada em uma área de exposição do MBM intitulada “Sala de Antropologia”.

---

<sup>1</sup> Esse foi o primeiro prédio inaugurado na antiga ESAL em 1922.

### **Breve Contextualização da Coleção Arqueológica do Museu Bi Moreira**

O MBM salvaguarda uma coleção arqueológica com cerca de 400 artefatos, dentre os quais se insere o material relativo à escavação arqueológica dos Sítios Monte Alegre e Cacho de Ouro, município de Ribeirão Vermelho/ MG. O Diagnóstico Arqueológico que originou esta última coleção foi iniciado em 1992, quando diversos sítios arqueológicos foram identificados no processo de duplicação da Rodovia BR 381.

As atividades arqueológicas na região foram pautadas por uma metodologia de campo organizada em levantamentos oportunistas e sistemáticos. Dizendo em outras palavras, foram realizadas entrevistas com moradores locais e o rastreamento de áreas de influência direta do empreendimento, por meio de vistorias nos locais identificados pelos moradores e também o levantamento e análise de fontes documentais (Brandt Meio Ambiente LTDA., 2000).

Em síntese, os principais sítios arqueológicos pré-coloniais identificados referem-se aos aldeamentos a céu abertos, isto é, trata-se dos testemunhos de antigos acampamentos de grupos ceramistas. Na ocasião do empreendimento, foi identificada uma significativa quantidade de material lítico, tais como lâminas de machado e fragmentos de batedores. Tratando-se dos vestígios cerâmicos dos sítios, destacam-se fragmentos dos Horizontes Ceramistas Una e Sapucaia. Ressalta-se também, que algumas zonas dos sítios foram atribuídas a cemitérios devido à espessura e perfil dos fragmentos componentes de grandes vasilhames (Idem).

A área abrangida pelo empreendimento apresenta uma ocupação intensiva, principalmente devido à construção da rodovia em 1956, que atraiu novos assentamentos urbanos e rurais. Estas ocupações ocasionaram a destruição e descaracterização de inúmeros sítios arqueológicos pré-históricos e históricos, inclusive parte do sítio Monte Alegre foi danificada em 1996 em decorrência da construção de um rodoporto e pela utilização desta área como local de empréstimo pela obra da rodovia (Ibidem).

Nessa conjuntura, iniciou-se um processo de salvamento na área atingida (duplicação da BR 381) dividido em duas etapas, a saber: a Supervisão Ambiental referente à identificação de zonas impactadas e realização de coleta de material nas zonas descaracterizadas pelas obras, iniciada em 1997; o Resgate, iniciado cerca de dois anos após a primeira etapa, que se caracterizou pela coleta de material nas zonas ainda preservadas, abarcando o sítio Cacho de Ouro integrante do complexo arqueológico denominado Monte Alegre.

De acordo como o relatório da Brandt Meio Ambiente LTDA. (2000), nesse ínterim de dois anos entre a realização das etapas de Supervisão Ambiental e Resgate, tanto o sítio

Cacho de Ouro como o Monte Alegre, sofreram “ações degradantes de alta magnitude que comprometeram as suas estruturas remanescentes” (p.8). Ou seja, foi constatado “o registro de ausência de evidências arqueológicas em superfície outrora abundantes, sugerindo a possibilidade de uma coleta indiscriminada de peças por parte de particulares” (p.8).

Nessa conjuntura, a intervenção arqueológica no sítio Monte Alegre restringiu-se ao levantamento topográfico e a abertura de duas sondagens testes (A e B), nas quais não foi constatada a existência de estratigrafia arqueológica integra. Na subárea C deste sítio, foram identificados elementos pertinentes para uma interpretação qualitativa sobre o padrão de ocupação daquele ambiente. Já no sítio Cacho de Ouro foram coletados uma pré-forma de machado e poucos fragmentos cerâmicos no intuito de se constituir uma possível correlação entre os dois sítios vizinhos.

O material coletado nesses dois sítios, por meio do resgate amostral, buscou reconstituir parcialmente os padrões de ocupação humana considerando a coleção de artefatos e os demais vestígios levantados nesse contexto regional arqueológico (Brandt Meio Ambiente LTDA., 2000). Em 2003, este material foi encaminhado ao Museu Bi Moreira da UFLA, visando o seu retorno à região de origem.

Vale ressaltar, que na conjuntura brasileira é observado o crescimento dos licenciamentos ambientais em todo o território e este fato “tem ampliado consideravelmente a necessidade de pesquisas de salvamento que, por sua vez, tem gerado cifras impressionantes de acervos, deslocamentos regionais dos bens patrimoniais e, em alguns casos, até novas instituições para administrá-los” (Bruno, 2009, p. 23).

Essa constatação levantada por Bruno (2009) é fundamental para se refletir sobre dois aspectos, a saber: os impactos verificados nesses dois sítios (Monte Alegre e Cacho de Ouro) deste sua identificação, em um empreendimento de licenciamento ambiental, até o salvamento; e as possibilidades e desafios da inserção dessa coleção em uma instituição museal, o MBM.

Para efeito desse trabalho, as considerações que serão apresentadas abaixo focaram principalmente no segundo aspecto.

### **Perspectivas e Desafios para o Museu Bi Moreira**

O MBM, no decorrer desses mais de 30 anos, vem representando para Lavras e região, um *locus* de memória e comunicação do patrimônio local, possuindo um significado

singular em termos de acervo e fomentação de relações afetivas entre comunidade, espaço museal e universidade.

A partir de 2009 intensificaram-se na UFLA reflexões sobre as possíveis vocações e conceituações para o Museu Bi Moreira, visando ampliar as possibilidades museológicas a partir do seu acervo e da história de Lavras e adjacências.

Destaca-se nessa conjuntura, à visita técnica solicitada à Superintendência de Museus (MG), para assessoria sobre possíveis ações de requalificação museal, e que culminou no projeto intitulado “Revitalização do Museu Bi Moreira e Preservação do Arquivo Histórico da Universidade Federal de Lavras” (Proext, Edital Nº 05, 2010). Vale ressaltar, que os recursos obtidos com o projeto foram utilizados para a contratação de serviço especializado, e resultou na elaboração do plano museológico e um estudo museográfico para o MBM, concluídos em 2012.

Nesse período também iniciou o desenvolvimento de um projeto<sup>2</sup> visando adaptações na edificação do Museu e projetos complementares para fins de orçamentação da obra, por meio de recursos diretos da UFLA para esse fim .

Fazendo um breve adendo sobre os aspectos museais, observa-se que o acervo do MBM, no decorrer desses 32 anos, foi sendo organizado em salas temáticas, tais como: Sala de Comunicação – imagem e som, Sala de Ciências Biomédicas, Sala da ESAL, Sala do Lar, Sala de Antropologia (nesta encontra-se artefatos arqueológicos, etnográficos, históricos). Essa museografia vigente, a nosso ver, é desinente da diversidade dos itens que foram sendo coletados pelo Museu, por meio de critérios não institucionalizados, haja vista a constatação da ausência de uma política de aquisição e descarte de acervo para a instituição.

Salienta-se ainda, que a formação do acervo do MBM, foi caracterizada, em parte, por doações de moradores e personalidades do município e adjacências. Esse aspecto contribuiu, a nosso ver, para se estreitar os vínculos afetivos entre a comunidade e o Museu, uma vez que este espaço museal é identificado pela população como o local de guarda da memória e da história de Lavras.

Durante o período de 2011 e meados de 2014, o MBM foi totalmente fechado para visitação, tendo em vista as condições de conservação do acervo e questões de segurança.

---

<sup>2</sup> Projeto “Museu Bi Moreira: diagnóstico do acervo e elaboração de projeto arquitetônico para Centro de Documentação e Reserva Técnica”, 2013.

A partir de 2014, houve um esforço institucional buscando a abertura parcial do Museu para a 12ª Semana Nacional de Museu. O tema “Museus: coleções criam conexões” estimulou a montagem de uma exposição temporária intitulada “Museu Bi Moreira: que coleções?”<sup>3</sup>, que buscou comunicar criticamente as funções sociais do acervo e potencializar conexões entre as diversas coleções salvaguardadas pelo MBM. Nesse mesmo período começou-se a refletir museologicamente sobre as possíveis vocações deste Museu, haja vista que este salvaguarda um acervo emblemático, caracterizando-se tanto como um museu de cidade, quanto como um museu universitário.

Na ocasião, os fragmentos da coleção arqueológica pré-colonial, caracterizados pela estratigrafia do abandono (Bruno, 1995), foram problematizados e “conectados” nessa exposição, que contou também com a mediação de um profissional da área e ações de educação para o patrimônio arqueológico<sup>4</sup>.

Esses novos olhares para esta coleção, até então, a nosso ver, incompreendida por parte do corpo técnico e administrativo do museu, foram fundamentais para se despertar outras potencialidades para a musealização e comunicação do material arqueológico buscando sua inserção efetiva em um acervo tão fragmentado como o do Museu Bi Moreira. Ao mesmo tempo, evidenciou-se o desafio institucional para se ultrapassar ações pontuais e de fato fomentar que esses bens patrimoniais sejam apropriados pela comunidade.

Observa-se também, que além das discussões sobre aspectos museais, iniciaram-se reflexões sobre a potencialidade de pesquisas mais específicas envolvendo principalmente a coleção proveniente de Ribeirão Vermelho.

Vale ressaltar que de acordo com Bruno (2009), as relações de cumplicidade entre os estudos sobre cultura material e as coleções museológicas possibilitam “que os museus desempenhem uma função social com desdobramentos educacionais, científicos, econômicos e culturais e reivindiquem um certo protagonismo sobre o destino das coisas” (p.25). Desse modo, pode-se inferir que as coleções arqueológicas ao adentrarem na conjuntura museal adquirem novas potencialidades permeadas pela cadeia operatória da museologia. Ou seja, passa a comunicar informações, instigar apropriações, fomentar relações dialógicas para com os diversos públicos que visitam o museu.

---

<sup>3</sup> A concepção dessa exposição teve como museóloga responsável Patrícia Muniz, ingressa no corpo técnico da UFLA no final de 2013.

<sup>4</sup> Na ocasião da programação para a Semana Nacional de Museu, o arqueólogo Leandro Mageste (UNIVASF) conferiu na UFLA uma palestra para o público geral e realizou (em conjunto com a equipe do MBM), uma oficina de preservação para o patrimônio arqueológico. Essas ações foram fundamentais para despertar novos olhares para essa coleção, tanto no corpo técnico do Museu como no público em geral.

Ao mesmo tempo, como bem aponta Bruno (2009), os processos curatoriais intrínsecos a cultura material apresentam algumas exigências e desafios para que de fato os artefatos musealizados possam possibilitar noções de pertencimento, inclusão social, entre outros. Pode-se pontuar segundo a autora: a necessidade de revisões curriculares referentes à formação profissional; elaboração de projetos de pesquisas referentes a nomenclaturas, tesouros; ampliação da legislação voltada para os aspectos curatoriais dos bens arqueológicos e etnográficos visando fiscalizar instituições museais; aproximação entre profissionais que se debruçam em estudos sobre patrimônio material e imaterial visando caminhos alternativos para a preservação patrimonial; desenvolvimento de trabalhos em redes para superação de dificuldades curatoriais (p.24).

Nessa perspectiva, tratando-se do nosso foco de estudo, verifica-se que a inserção ao Museu Bi Moreira do material arqueológico coletado no sítio Monte Alegre e Cacho de Ouro foi o caminho encontrado para a salvaguarda, desenvolvimento de pesquisas e comunicação dos artefatos coletados no âmbito do licenciamento ambiental. Este ponto demonstra as relações profícuas entre a museologia e a arqueologia para a preservação do patrimônio arqueológico.

Igualmente evidencia-se a fragilidade de alguns museus, no caso o próprio MBM, para lidar com esta tipologia de acervo, que necessita de ações curatoriais específicas para que se consiga estabelecer polifonias com público não especialista. Em outras palavras, há grandes desafios institucionais para que a coleção arqueológica comunique informações, instigue curiosidades, assuma o viés educativo e de inclusão social.

Essa breve contextualização sobre a situação atual do MBM, imersa nas possibilidades contemporâneas dos espaços museais e nos desafios curatoriais da cultura material, abre caminhos para novas reflexões sobre a musealização da arqueologia no MBM inseridas no processo mais amplo de requalificação desta instituição museal.

### **Considerações Finais**

O Museu Bi Moreira possui características singulares para um museu universitário<sup>5</sup>, principalmente em relação à formação de seu acervo. Por salvaguardar um acervo diversificado, o MBM apresenta muitas possibilidades e desafios para as cadeias operacionais da museologia.

---

<sup>5</sup> Museu universitário é aqui entendido como aquele que está parcial ou totalmente sob responsabilidade de uma universidade nos seus aspectos da gestão, salvaguarda do acervo, recursos humanos, espaço físico.

Atualmente a exposição permanente do MBM encontra-se fechada para visitação, aguardando a implantação do novo plano museográfico concluído em 2012, juntamente como plano museológico. Ressalta-se que este novo plano museográfico manteve as salas temáticas e propôs pouquíssimas alterações nas áreas expositivas do MBM. Isso se deve em parte, a nosso ver, pela formação e configuração de um acervo tão emblemático como o do MBM, que apresenta verdadeiros desafios para o estabelecimento de conexões entre as coleções e para o discurso museológico e museográfico. Destaca-se assim, a necessidade de uma revisão no plano museográfico, buscando a elaboração de discursos condizentes com o acervo, sem perder de vista aspectos da função social do Museu. Nesse sentido, observa-se o potencial do MBM para comunicar narrativas que contemplem a história da agricultura no Brasil, por meio do ensino superior e da cidade de Lavras-MG.

Observa-se que por ser um museu universitário, o MBM apresenta algumas dificuldades na gestão museal também verificadas em outras instituições, como bem aponta Marques e Silva (2011): dificuldades financeiras; falta de autonomia; abandono das coleções; falta de espaço para armazenamento e para a exposição; carência de uma equipe de profissionais especializados em atividades museológicas; acúmulo de função por parte dos dirigentes.

Essas dificuldades incidiram diretamente nos aspectos de preservação e comunicação dos objetos qualificados coletados pelo MBM ao longo de mais de 30 anos. A inserção desse material arqueológico ao acervo do MBM em 2003 contribuiu ainda mais para este cenário museal caracterizado por desafios, mas também por potencialidades. Propiciou a salvaguarda e o retorno do material arqueológico, proveniente de um trabalho de licenciamento ambiental, a região mais próxima de sua origem. Igualmente demonstrou os desafios a serem enfrentados pelo MBM no intuito de evitar que a coleção arqueológica caia no esquecimento e no terreno das memórias exiladas (Bruno, 1995).

Em suma, como foi possível observar, o MBM está passando por um processo de requalificação que envolve desde ações estruturais, como a elaboração de um projeto arquitetônico de restauração e adaptação na edificação; quanto à implantação de um projeto museográfico consonante com uma museologia contemporânea e que abarque a diversidade do acervo salvaguardado pela instituição. Nessa perspectiva, a coleção arqueológica salvaguardada pela Instituição faz parte de todo esse processo de gestão museológica, que visa articular os múltiplos discursos do MBM, conservar o acervo museológico da UFLA e comunicar de forma inclusiva, reflexiva e polifônica a cultura material inserida no universo museal e universitário.

## Referências

BASTOS, Rossano Lopes. A Arqueologia Pública no Brasil: novos tempos. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Orgs.) *Patrimônio: Atualizando o debate*. São Paulo: Superintendência Regional do IPHAN, 2006. p.55-168.

BRANDT Meio Ambiente LTDA. Resgate Arqueológico dos Sítios Arqueológicos Monte Alegre e Cacho de Ouro. Ribeirão Vermelho, MG. Projeto Duplicação da BR 381. Fevereiro, 2000.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. *Tese (Doutorado)*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Orientador: Prof. Dr. José Luiz do Morais.

\_\_\_\_\_, Maria Cristina de Oliveira. A museologia como uma pedagogia para o patrimônio. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 31, p.87-97, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_\_, Maria. Cristina. O. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). *Cultural Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009. p. 14-25. Disponível em: <[http://www.mast.br/livros/cultura\\_material\\_e\\_patrimonio\\_da\\_ciencia\\_e\\_tecnologia.pdf](http://www.mast.br/livros/cultura_material_e_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2016.

CARDOSO, P. M. O que é Museologia? Lisboa: IGAC, p.1-28. GUARNIERI, Waldisa R. C. 1990. Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n. 3, 2014.

CHAGAS, Mario. Diversidade museal e movimentos sociais. In: CHAGAS, Mário; STORINO, Claudia M. Pinheiro (Orgs.). *Ibermuseum 2: Reflexões e Comunicações*. 1ªed. Brasília: IPHAN - DEMU, v. 2, 2008. p.59-69.

FERREIRA, L. M.; FUNARI, P. P. de A. Arqueologia como prática política. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 4, p.1-4, 2009.

MARQUES, Roberta S.; SILVA, Rejâne M. L. O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. *Museologia e Patrimônio*, v. 4, n. 1, p.63-84, 2011. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/149/151>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira. *Tese (Doutorado)*, Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2010. Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. Patrimônio Arqueológico Paulista: proposições e provocações museológicas. *Tese (Doutorado)*, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2011.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Memória História, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1ª. ed. 1984. p.51-86.

RÚSSIO, Waldisa Russio. Texto III. In: ARANTE, Antonio Augusto (Org.), *Produzindo o Passado - Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-64.